

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO PERFIL DO FILÓSOFO SÓCRATES: A MAIÊUTICA COMO NOVO PARADIGMA DE CONHECIMENTO HUMANO

Vera Borges de Sá¹
Aysllan Welber Gonçalves Galvão Lins²
Herberth Silva Acioli³

RESUMO

Objetiva abordar a necessidade de reflexão sobre o tema das Altas habilidades/Superdotação, a partir de um personagem com legado importante à humanidade. Toma-se o filósofo Sócrates como categoria de análise, para uma investigação qualitativa de seus aspectos biográficos, reveladores de comportamento intelectual acima da média. Foi reputado como fundador de argumentação inovadora em relação à filosofia pré-socrática. Estabeleceu a primazia do conhecimento sobre valores éticos, enquanto reflexão de nível conceitual e prático, deixando no plano secundário a filosofia da natureza. Metodologicamente este trabalho utiliza-se do confronto da história da ciência e sociologia do conhecimento com a teoria da inteligência. Da história da ciência centra-se nas fontes baseadas em escritos da Filosofia, basicamente os de Platão que trazem informações sobre Sócrates. Com a sociologia do conhecimento busca explicar qual o papel e campo ideativo da intelectualidade dominante. E, da teoria da inteligência, assume referências conceituais do Dr. Joseph Renzulli que tratam sobre uma padronização do comportamento de pessoas com Altas habilidades/Superdotação. Conclui que Sócrates foi considerado um sujeito de rupturas intelectivas e excessiva criatividade, expressadas na forma de pensar filosoficamente a moral como campo de estudo. Ao criar o método da maiêutica, permitiu que o sujeito interlocutor fosse conduzido a se desfazer dos conceitos do sistema de senso comum, incapazes de alcançar as verdades profundas sobre a condição das virtudes humanas. Sócrates constituiu-se como contestador de um formato de “intelligentsia” predominante em seu tempo, que era formada pelos filósofos naturalistas e sofistas.

Palavras-chave: Altas Habilidades/Superdotação, Sócrates, História da Ciência, Maiêutica, Criatividade.

INTRODUÇÃO

A importância da história da ciência para a atualidade pressupõe perspectiva de diálogo interdisciplinar que vai além da ênfase na construção epistemológica sobre o *status* a que havia chegado determinada Disciplina, quanto aos seus instrumentos investigativos e procedimentos teórico-metodológicos. Significa também, mais do que situar os feitos geniais

¹ Doutora em História, Mestra em Sociologia e Docente da Universidade Católica de Pernambuco – PE. verab63@gmail.com

² Graduando pelo Curso de Bacharelado de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco - PE aysllanwelber@hotmail.com

³ Graduando do Curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco – PE, herberth.acioli@gmail.com

dos homens - literalmente sem a presença do feminino- como se fossem indivíduos desenraizados de seus grupos, estrutura social e ideologias sobre a própria ciência, uma vez prevalecentes em seu tempo.

A história da ciência revela-se, a partir do século XX, como um sistema de complexidades, tendo sido renovada pela filosofia e sociologia. Estas contribuíram com um olhar sobre o conhecimento científico como o produto de formulações que se apresentam como sistema atrelado às estruturas de poder.

Da II Grande Guerra para cá, a contribuição filosófica tornou evidente a produção da ciência, ou do conhecimento de uma sociedade, estando vinculada com o sentido de devir moral formulado pelo poder do Estado, para impor diretrizes de racionalidade instrumental técnico-científica, capazes de propagar fundamentações discursivas apoiadas em bases ideológicas e racistas para subjugar grupos e territórios (Arendt, 1989; Habermas, 1987; Habermas, 2014). Pode-se pela filosofia contemporânea, desvendar se a lógica do pensamento da ciência e tecnologia, culturalmente hegemônicas, é atividade emancipatória para contribuir, ou não, com avanços da civilização.

Do mesmo modo, a Sociologia do conhecimento apontou como observar o papel da *intelligentsia*⁴ na sociedade, através da demarcação dos grupos sociais, com seus tipos de intelectuais mergulhados numa maneira de fazer ciência, uma vez inseridos parcialmente, ou não, na cultura de suas gerações (Mannheim, 1974, p. 69). Nesta perspectiva, a discussão sobre a mentalidade de uma época, ganha importância na Sociologia do conhecimento, também enquanto reveladora de princípios utópicos, defendidos por intelectuais, os quais parecem fugir do espírito de seu tempo ao se revelarem incongruentes, com o estado da realidade em que se encontram (Mannheim, 1986, p. 216). Esses intelectuais mergulham numa espécie de luta em defesa de preceitos opostos aos do conhecimento dominante, apontando suas deficiências e novos sentidos.

A constituição do campo da história da ciência, reconhecidamente renovado, ainda requer possíveis confluências de dimensões teórico-metodológicas, tarefa que pode ser realizada quer pela ousadia da quebra das regularidades no campo das fontes utilizadas na pesquisa, quer por construções explicativas tornadas como nexos complementares. Muitas

⁴ *Intelligentsia* é o termo utilizado por Mannheim em *Ideologia e Utopia*, para designar a relativa autonomia e espírito de grupo da intelectualidade de uma sociedade, em função das determinações de classe.

perguntas são possíveis de ser formuladas, com a instrumentalidade conceitual derivada de outras Disciplinas associadas às fontes da história da ciência.

Pensar a história da ciência numa perspectiva da compreensão do papel da inteligência, campo do conhecimento social, com a Sociologia ou a Filosofia, é apenas o princípio de uma configuração que possibilita mais junções com outras Disciplinas humanísticas. Aqui sugerimos contribuições de certa corrente da Psicologia cognitiva a qual tem interpretado estilos de sujeitos intelectuais, por exemplo, dando ênfase em pessoas superdotadas como uma categoria possível de ser identificada e visibilizada socialmente.

Na nossa contemporaneidade. Renzulli (2014) apresenta um modelo complexo para explicar o comportamento de pessoas com inteligência acima de seus pares, considerando aptidões inatas e atitudes do sujeito na sua Teoria dos Três Anéis.

A teoria das Altas Habilidades/Superdotação, conhecida por Teoria dos Três Anéis, ou Modelo Triádico de Renzulli (2014), trata sobre nova perspectiva da inteligência das pessoas superdotadas, por incluir o conceito de criatividade à expressão da inteligência. A Teoria dos Três Anéis caracteriza a superdotação como combinação de três comportamentos básicos do sujeito: habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. As Altas Habilidades/Superdotação consistem na intersecção desses três elementos comportamentais manifestos. A Habilidade acima da média refere-se à destreza em qualquer campo do saber, ou do fazer, que se expressa por meio de testes de conhecimento. Nestes, os indivíduos superdotados demonstram capacidade para compreender coisas complexas por partes, além de dominar a relação entre o todo e as especificidades envolvidas no raciocínio apresentado como questão. O segundo indicador, denominado Criatividade, torna-se perceptível pela demonstração de divergência no pensar, na expressão de ideias inovadoras e úteis à comunidade. Isso em todas as formas de inteligência que o indivíduo manifeste, quer seja na da linguagem, artes, ciências matemáticas, música, sinestésico-corporal e em outros tipos. Por último, o Envolvimento com a tarefa é traduzido no comportamento observável em que prepondera um expressivo empenho pessoal nas tarefas que realiza. Renzulli destaca como fundamento, para esse envolvimento de níveis intensos, a motivação e a descreve a partir de uma série de características, tais como: perseverança, dedicação, esforço, autoconfiança e crença na sua própria habilidade para desenvolver um trabalho importante.

Este trabalho sobre o perfil de Sócrates, como pessoa superdotada, faz parte de um conjunto de investigações científicas, atualmente desenvolvidas através da Linha de Pesquisa Altas Habilidades/Superdotação, Humanismo e Cidadania⁵, da Universidade Católica de Pernambuco. Os projetos de pesquisa desse Grupo são realizados com estudantes de Iniciação Científica, PIBIC-UNICAP, e têm priorizado construir teórica e metodologicamente, de forma interdisciplinar, um entendimento da superdotação na perspectiva da Sociologia do Conhecimento, Sociologia da Educação e História da Ciência em conexão com a Psicologia Cognitiva de J. Renzulli.

Especificamente, este artigo é produto parcial de uma das pesquisas em curso, a qual busca compreender o papel de Sócrates como um espírito discordante do padrão filosófico de conhecimento dominante na Grécia antiga, 400 anos a.C. . Com Sócrates conheceremos a mudança do paradigma filosófico que enfatizava o estudo do fenômeno da natureza, para a inauguração de novo sistema filosófico chamado maiêutica. Algo singular e ineditamente criativo, destituído de raciocínios sofistas, desenvolvido como método indagativo para constituição de pensamento reflexivo sobre os fenômenos socioculturais e políticos.

METODOLOGIA

O trabalho apresentado traz a resposta inovadora no campo heurístico mostrando que é possível construir um raciocínio metodológico para analisar comportamentos intelectivos do passado e configurá-los no contexto de um perfil de pessoa com Altas habilidades/Superdotação, através dos conceitos da Teoria de Renzulli sobre Superdotação.

O raciocínio metodológico deste trabalho não consiste apenas na transposição de conceitos sobre superdotação para analisar em que medida uma pessoa com habilidade acima da média foi importante do campo da ciência e tecnologia. Consiste também na adoção de categorias de análise inteligíveis oriundas de outras Disciplinas, para compreender um perfil de notório desempenho intelectual em dado momento histórico. Estas Disciplinas, por sua vez, já forneceram conceitos apropriados para compreender o fenômeno da inteligência, considerando-a no contexto das manifestações do conhecimento como categoria histórico-cultural de uma sociedade. Dessa forma, incluímos como Disciplinas conectivas e explicadoras a História da ciência, a Sociologia do Conhecimento e a própria Filosofia.

⁵ Esta linha de Pesquisa faz parte do Grupo Diversidade da Inteligência e Mentalidade Cultural, coordenado pela Profa. Dra. Vera Borges de Sá, também Autora deste trabalho.

Este trabalho consiste essencialmente numa pesquisa cuja técnica de investigação objetiva classificar/analisar os princípios socráticos que demonstram a habilidade de conhecimentos acima da média em sua superdotação de natureza filosófica, referenciando-nos pela teoria dos Três Anéis de Renzulli sobre Altas Habilidades/Superdotação na contextualização do conhecimento da sociedade a que pertence o indivíduo.

A natureza da pesquisa é *qualitativa* pelo fato de que sua investigação está apoiada em fontes e dados bibliográficos, por meio de uma revisão sistemática da literatura sobre Sócrates. As fontes primárias aqui consideradas são principalmente escritos encontrados nas obras de Platão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Breve esboço biográfico de Sócrates

Sócrates nasceu em Atenas, por volta do ano de 470 a.C., filho de Sofronisco e de Fenarete e morreu no ano de 399 a.C., condenado pelo tribunal ateniense sob acusação de ateísmo, não respeitar os deuses da cidade, e por corromper jovens. Em face disso foi acusado de cometer “impiedade” e obrigado a tomar cicuta (veneno).

Seu pai foi um grande escultor, que lhe ensinou este ofício (sua principal obra foi a estátua das Três Graças, que ficava na entrada da Acrópole)⁶ e sua mãe era parteira. Sócrates costumava comparar seu modo de filosofar ao trabalho de sua progenitora, dizendo que ela fazia o parto dos “corpos”, e ele, fazia o das “almas”.

Estudou geometria e astronomia com o pitagórico Arquelau e se interessou pela cosmologia de Anaxágora que estava em Atenas, tendo ambos como seus mestres. Porém, insatisfeito com as ideias da cosmologia, abandonou-a e se interessou pela “física”. Em outro período de sua vida, irritado com as influências dos sofistas na filosofia, devido ao que diziam para o povo de Atenas, criou soluções para aqueles problemas.

Durante sua juventude saiu de Atenas apenas três vezes, todas essas servindo como cidadão-soldado, participando de três campanhas da Guerra do Peloponeso: a de Potideia (432 a.C.), a de Délion (424 a.C.) e a de Amfipolis (422 a.C.). Segundo relatos do Banquete de Platão, no testemunho de Alcibíades, o grande intelectual era ativo, insensível ao frio, corajoso, modesto e senhor de si mesmo.

⁶Local mais alto das antigas cidades gregas, que servia de cidadela e onde eventualmente se erguiam templos e palácios.

Diferente dos seus amigos Alcibíades e Péricles, Sócrates não quis se dedicar à vida política, tendo em vista que seus companheiros queriam disputar o poder na administração da cidade. Sempre cumpriu seus deveres de cidadão para os quais era designado. Foi sorteado para presidir a Assembleia do julgamento dos seis generais, após a batalha de Arginos (406 a.C.) e depois pela derrota de Atenas, em 404 a.C., pelo governo dos Trinta Tiranos, que era para trazer um preso que se achava em Salamina e que deveria ser condenado à morte.

Pode-se afirmar que essas duas tarefas, constituíram sua participação na política, cumprindo deveres solicitados, mas oportunidade para demonstrar autonomia e posicionamento divergente nas decisões, contrariando a expectativa do poder. Tais passagens ficaram marcadas por se recusar a cumprir ordens dos seus superiores. A primeira está relacionada ao caso dos seis generais, quando a lei exigia que fossem julgados individualmente, mas a Assembleia queria que fossem julgados e condenados juntos. Ele foi o único contra essa decisão, defendendo a lei, e a Assembleia difundindo que ele era quem estava contra a lei. No caso do exilado, recusou-se a cumprir a ordem de trazê-lo de volta e o deixou em casa, sendo acusado de traição pelo Governo dos Trinta Tiranos.

Foi casado com Xantipa e teve um filho, Lamprocles. Segundo relatos, ele teria tido outra mulher que era filha de Aristides, o Justo, e com ela teria tido dois filhos, Sofronisco e Memexêno.

Alguns relatos apontam que Sócrates dedicou sua vida a filosofar e com isso não deixou nada escrito, pois considerava a dialética da vida algo mais importante do que a escrita. Foi um filósofo diferente, por costumar andar descalço, por não tomar banho e porque ficava parado quando estava caminhando, divagando em abstrações para refletir sobre algo.

Considerado um filósofo tradicional do pensamento ocidental, Sócrates dá início à história da filosofia. Tinha por proposta, aprofundar-se nos problemas antropológicos com suas reflexões e fazer disso um princípio metódico para atingir o conhecimento. Tal como os sofistas, descartava as teorias cosmológicas dos pré-socráticos, que rejeitavam a verdade primeira da realidade e ignoravam o que era de estudo sobre a vida humana. Mas diferente dos mesmos, não embasou sua lógica na construção da linguagem e sim no teor dos conceitos utilizados.

A habilidade discursiva de Sócrates apresenta-se na multiplicidade de opiniões relacionadas à verdade que tinha como explicação a natureza humana e a finalidade da existência, fundando, assim, um conhecimento autêntico e realmente embasado.

Sua trajetória filosófica deu-se no início quando ele foi acompanhar sua mãe em um parto. Ao presenciar a grandeza daquela cena, começou a filosofar: *“Minha mãe não irá criar o bebê, apenas ajudá-lo-á a nascer e tentará diminuir a dor do parto. Ao mesmo tempo, se ela não tirar o bebê, logo ele irá morrer e igualmente a mãe morrerá!”*. Devido a esse fato, quis aprender ainda mais sobre a filosofia, sustentando a analogia de que seria um “parteiro de conhecimentos” ao fazer com que as pessoas pudessem aprender por conta própria, através da ajuda delas mesmas para que “parissem” seu conhecimento, nascido do interior para o exterior.

O futuro mestre de Platão foi um filósofo diferente de seus contemporâneos - que só afirmavam sobre tudo -, pois sempre partia do questionamento, da dúvida. Indagava a todos os que passavam pela Praça de Atenas (Ágora), fazendo perguntas sobre diversos assuntos como economia, religião, política, justiça e saber. Seu modo de se expressar despertou no governo e nos poderosos um receio sobre seus posicionamentos e, por isso, tendo medo que todos aqueles que o seguiam pudessem mudar costumes tradicionais atenienses, resolveram agir contra ele.

Sócrates pagou preço alto por difundir seu método da maiêutica, que descortinava a verdade do raciocínio sofista voltado aos interesses da política de estado e as distorções intencionais construídas discursivamente pelos sujeitos. Foi acusado de cometer impiedade (contra os deuses) e de desviar os jovens com seus ensinamentos (duvidando dos valores atenienses). Sócrates apresentou-se aos membros da Assembleia, em 399 a.C, e demonstrou, através de seu discurso, que os acusadores é que eram impiedosos e corruptos. Mas que, mesmo assim, aceitaria ser condenado à morte pelos mesmos. Essa seria a prova maior da corrupção do Estado.

Sócrates foi denunciado por três cidadãos, Melito, Ânito e Licon, por corromper a juventude ensinando crenças contrárias à religião do estado. Isso depois que já exercera influência de seus pensamentos sobre gerações. A acusação era inconsistente e não teria ido adiante se Sócrates fizesse concessão aos juízes, o que ele não fez, como nos explica Abbaganano (1991, p. 108). Ainda para esse Autor (1991, p.108), na sua defesa, Sócrates fez o contrário. Ou seja, exaltou a atividade educativa que relativamente havia realizado junto aos atenienses e que jamais a abandonaria, porque essa era uma missão a que tinha sido chamado por ordem divina. Foi assim, por uma minoria, considerado culpado. Não recorreu para poder pagar multa ou se exilar. Contrariamente, declarou orgulhosamente que se sentia merecedor

de ser alimentado a expensas públicas do Pritaneu⁷ como se fazia aos beneméritos da cidade. Então, por maioria, foi condenado à morte, como havia sido pedida por seus acusadores.

Para Abbagnano (1991, p. 109), se a Grécia foi o berço da filosofia por ter inaugurado investigação autônoma dessa Disciplina, Sócrates encarnou o espírito genuíno da filosofia, por ter realizado, no mais alto grau, a exigência da investigação conduzida com método rigoroso e incessantemente continuada, colocando em evidência o mais alto valor da personalidade humana: a virtude e o bem.

2. Sócrates e a ruptura com as correntes filosóficas da Grécia antiga

Sócrates é considerado o “pai da filosofia” por seu legado ter contribuído para estabelecer um divisor de águas na filosofia da Grécia, considerada a partir daí como pré-socrática e socrática.

O período pré-socrático teve início no século VI a.C. e se estendeu até o início do século IV a.C. Pelas escolas pré-socráticas nasceram as quatro grandes vertentes -jônica, pitagórica, eleata e atomista- que contribuíram para a produção filosófica com seus pensamentos racionais naturalísticos.

Diferiam os pré-socráticos por não aceitar explicações que fossem fantasiosas, dadas pela mitologia, com preocupação central na investigação da *phýsis*⁸. Os principais expoentes desses pensadores foram Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Xenofonte de Colofão, Parmênides de Eleia, Zenão, Leucipo de Abdera e Demócrito de Abdera.

Essas correntes naturalistas, porém, não abriram espaço para dois dos maiores filósofos pré-socráticos que foram Empédocles de Agrigento e Anaxágoras de Clazómenas (contemporâneo de Sócrates). Ambos viam a *phýsis* como pluralidade e não de forma unitária, dando início uma nova fase para a filosofia grega.

Sócrates (470 – 399 a.C.), por sua vez, introduz uma nova problemática para filosofia, relacionando-a aos enigmas humanos e sociais, até então não discutidos naquele período. Deu

⁷ Sede do governo das cidades-estado da Grécia Antiga, onde ficavam os prítanes que eram os membros do governo.

⁸Phýsis significa Natureza. Possui três sentidos principais: 1) processo de nascimento, surgimento, crescimento (sentido derivado do verbo *phyomai*); 2) disposição espontânea e natureza própria de um ser; características naturais e essenciais de um ser; aquilo que constitui a natureza de um ser; 3) força originária criadora de todos os seres, responsável pelo surgimento, transformação e perecimento deles. A *phýsis* é o fundo inesgotável de onde vem o *kósmos*: e é o fundo perene para onde regressam todas as coisas, a realidade primeira e última de todas as coisas. Opõe-se a *nómos*. (CHAUI, 2002, p. 509)

início assim, a uma nova tradição filosófica capaz de romper intelectualmente com a preocupação em relação à realidade natural apresentada pelos pré-socráticos.

Compreender o ambiente histórico do ponto de vista intelectual, político e social pelo qual passava a civilização ateniense, constitui-se como aspecto fundamental para situarmos a relevância do pensamento socrático como algo criador e simbolizado como divisor de águas.

O mundo ocidental presenciava em Atenas os primeiros ensaios com a democracia. E com toda a experiência política que explodia em Atenas, parecia fundamental preparar os cidadãos para a vida pública, especialmente os mais jovens. A arte de saber utilizar bem as palavras e de convencer através do discurso, apresentava-se como uma necessidade, estimulada pelo empenho dos sofistas, os quais eram professores de eloquência que se propunham a ensinar aos atenienses um uso inovador das palavras.

Os sofistas surgem nessa passagem de período e são mestres de retórica e oratória, fornecendo técnicas, ensinamentos e habilidades para todos aqueles que estavam dispostos a pagar por seus ensinamentos. Os sofistas favoreceram o desenvolvimento dos estudos da linguagem na tradição cultural grega, através da ênfase nos estudos da poética e da gramática.

Designando-se a si próprios como sábios, os sofistas se distanciam da tradição filosófica de buscar entender a origem e a finalidade do universo e passam a se interessar nos assuntos morais e políticos da sociedade. Defendiam a impossibilidade do homem de atingir o conhecimento sobre a natureza das coisas. Com isso, a linguagem aparece como a ferramenta mais propícia para o homem investigar os acontecimentos de sua realidade. No entanto, esse distanciamento da *physis*, trouxe certa relativização sobre o papel dos valores humanos, que foram justificados como “convencionais, circunstanciais, relativos”.

A Filosofia de Sócrates veio proporcionar a mudança da ênfase da reflexão, passando da natureza física para a natureza humana, assim como um questionamento sobre a profundidade da retórica. Ou seja, direcionou a transferência do debate sobre a origem e finalidade das coisas para um questionamento voltado aos valores do homem em sua vida social. Aí reside a razão porque seu pensamento se torna revolucionário, dado o afastamento total da superficialidade do discurso sofístico, de retórica elegante, discursiva e formal, sem aprofundamento conceitual sobre a essência humana.

O primeiro passo que dá em direção a este entendimento é compreender que a alma humana está diretamente relacionada a essa essência. O homem seria justamente a sua alma, uma vez que ela é o elemento que o diferencia de todos os outros seres. E por alma, o filósofo ateniense entende como sendo a consciência, o intelecto, a moral, a razão. Esta reflexão traz

implicações diretas para a busca que o homem empreende pela *areté*, expressão usada pelos gregos para indicar aquilo que aperfeiçoa as coisas, o que hoje chamamos de virtude.

O método filosófico inaugurado pretende levar os atenienses a perceberem que a mais genuína preocupação humana não deveria voltar-se para as coisas externas e materiais, entre elas questões como a beleza do corpo, a riqueza, a fama e poder, mas à alma a fim de torná-la virtuosa o máximo possível.

Enquanto a inovação trazida pelos filósofos pré-socráticos circunda em torno da explicação sobre a origem e finalidade do cosmos e das leis que lhe regem, Sócrates absteve-se de especulações dessa natureza. Questionou se tais filósofos conheciam suficientemente os assuntos humanos, uma vez que demonstravam querer conhecer, preponderantemente, somente a respeito da natureza. O homem não deveria ser visto apenas como um corpo físico, biológico e natural, mas elemento dotado de alma que se utiliza do corpo como seu instrumento.

Sua reflexão, portanto, volta-se para a finalidade ética inserida nos atos dos seres humanos. Tanto ações quanto definições estariam no contexto da compreensão de valores sobre o que é justo ou injusto, piedoso ou ímpio, sabedoria ou loucura. A reflexão socrática poderia ser dirigida à discussão sobre o Estado, governo e governantes. Aplicar-se-ia a todos os temas cujo conhecimento fosse fundamental para tornar o homem virtuoso inserido nas instituições sociais da cidade. Logo, esses assuntos deveriam ser questionados até que se atingissem o mais profundo conhecimento sobre eles.

Porém, na observação de Sócrates, mesmo as pessoas consideradas mais sábias costumavam refletir sem os cuidados necessários. Essa atitude, normalmente levava a se estabelecer opiniões que tomavam as coisas como óbvias ou “naturais”. Espécie de conhecimento reproduzido de forma não problematizada.

Por isso, ao pedir que o interlocutor discorresse sobre um determinado assunto, deixava que fossem se revelando a fraqueza daqueles argumentos, e mostrava o quanto estavam sendo refletidos superficialmente. Este método é exatamente um dos aspectos que mais chama atenção em Sócrates, pois vem demonstrar a importância da reflexão filosófica para a sociedade.

Desprendido dos assuntos de temática material, Sócrates buscou se entregar àquilo que acreditava ser a missão que o deus de Delfos lhe confiara: conversar com as pessoas, a fim de despertar nelas o autoconhecimento. E, para isso, utilizando-se desse artifício (conversação),

fez-se admirado por uma parcela da população ateniense – especialmente pelos mais jovens –, e tão perseguido por outros.

3. Natureza e impacto da maiêutica socrática

A maiêutica de Sócrates foi criada no século IV a.C. como uma corrente filosófica que procurava dentro do Homem a verdade das coisas. O que sintetiza esse ponto fundamental do pensamento socrático, certamente é sua famosa frase “Conhece-te a ti mesmo”, que exorta o início à busca do conhecimento através da coerência interna e externa na prática das virtudes. Com isso, inserida dentro de um contexto explicativo, a maiêutica se refere a dar à luz a ideias complicadas.

Era-lhe impossível filosofar enquanto as pessoas não alcançassem o seu autoconhecimento, percebendo suas limitações e imperfeições e considerando que deveriam agir conforme a justiça, a retidão e crenças com o principal intuito de sensibilizar os homens para serem sábios e honestos partindo de suas próprias reflexões. Tudo isso se colocava na contramão dos sofistas da época, que apenas transmitiam seus “conhecimentos” para tirar vantagens das pessoas.

Segundo Chauí (2002, p. 190), a maiêutica socrática é dividida em duas partes: a primeira é a exortação, que se dá quando o filósofo encoraja o interlocutor a “filosofar”, convidando-o a buscar a verdade. A segunda é a indagação, que acontece quando o filósofo analisa as respostas, e, sobre as mesmas, novamente faz uma pergunta ao seu interlocutor. Essa segunda divisão corresponde ao modo de refutação (do grego *eiróneia*) que Sócrates apresentava em relação às respostas do seu interlocutor, fazendo-o reconhecer-se como ignorante no assunto no qual dizia ter conhecimento. A fase que corresponde à maiêutica, é o momento em que o interlocutor desabrocha/nasce em suas ideias ou noções suficientemente refletidas e pensadas sobre o assunto debatido.

Podemos dizer que a maiêutica é o ato de exteriorizar as noções, através da realização de raciocínios “sofridos”, tal como um parto. Entretanto, essa capacidade de conceber novas ideias significa antes de tudo desconstrução do senso comum. Essa função que Sócrates denominava de “parteiro” podemos vê-la nos textos de Platão descrevendo assim sua “prática obstétrica”, em que ao invés de acompanhar o parto das mulheres, partejava a alma dos homens em relação às ideias/ e conhecimentos, de tal maneira que mesmo uma experiente parteira seria incapaz de conceber.

A metodologia socrática consistia em levar o interlocutor a discorrer sobre assuntos de seu campo de domínio e questioná-lo sobre o sentido das palavras que estavam sendo usadas, para enfim mostrar-lhe a fragilidade de seu discurso, o qual geralmente se apoiava apenas em opiniões inconsistentes, clichês, preconceitos do senso comum. Sócrates, com isso, “desconstruía” muitos dos raciocínios de pessoas consideradas sábias, mostrando-lhes onde estava a ausência de fundamento racional do uso das palavras e, não raro, no caráter preconceituoso trazido oculto na reflexão.

Ao desvelar para o interlocutor o seu estado de ignorância, Sócrates acreditava contribuir para a edificação daquela alma, desprendendo-a do engano e conduzindo-a de volta à realidade. Um processo muitas vezes tão dolorido quanto necessário ao renascimento do interlocutor que, uma vez ingressando em sua própria consciência, tomava finalmente o domínio de sua alma, verdadeiramente dotada de conhecimento e razão sem preconceitos.

Ao conduzir seu interlocutor a um olhar minucioso da consciência, Sócrates possibilita aquilo que Hannah Arendt (apud, ALVES NETO, 2009, p. 2) chama de “atenção do pensamento” ou “exercício crítico da reflexão”, que permite uma análise mais atenta sobre nossas ações e a tudo o que ocorre no mundo. Aliás, para Arendt (apud ALVES NETO, p. 2), Sócrates foi o filósofo que melhor demonstrou a importância do pensamento para os assuntos que envolvem o homem, assim como o perigo dessa ausência para o cuidado com o mundo comum. Era importante mostrar para democracia ateniense que “a vida sem exame, não vale a pena ser vivida” (Platão, 2001, p. 140 apud ALVES NETO, 2009, p. 2). Esforçou-se por tornar o pensamento como algo relevante para manutenção e instauração do mundo e elemento para melhorar a convivência ética e política.

Na polis grega os sábios eram homens experientes no trato de assuntos fora do cotidiano humano, uma vez que, tradicionalmente, se ocupavam com a contemplação das verdades eternas e imutáveis, ou com coisas que ia além do mundo comum. É fácil compreender, então, o motivo pelo qual a atividade de Sócrates foi considerada subversiva pela polis, por ele considerar o ato de pensar filosoficamente como algo não-exclusivo dos exercitados na filosofia. Seu método foi comparado a um vento forte que varria para longe “a imediatidade de todos os critérios vigentes, as regras de conduta, os valores inspiradores das ações e os padrões estabelecidos e congelados no mundo cotidiano do senso comum”. (Alves Neto, 2009, p.3).

Na filosofia socrática o pensamento, ou ato de refletir, é colocado como atividade primordial para questionar a manutenção do mundo comum que a polis instaurava como

situação naturalizada. A cidade-estado enfrentava desafios que não poderiam ser resolvidos apenas sob a forma de confrontos argumentativos, ou debates verbais, alimentados pela retórica. Sócrates tenta conscientizar os cidadãos de que a palavra e o discurso não devem servir como armas de uma competição dogmática para mostrar quem é o melhor. Ao contrário, o pensamento deveria ser uma maneira eficaz para superar a atrofia do mundo. Ao convidar seu interlocutor a sair da superficialidade da opinião e a não se contentar apenas em afirmá-la, mas a descobrir a verdade escondida nela, Sócrates pretende chamar a atenção para a responsabilidade dos homens diante do mundo social que os circunda através do uso profundo das palavras. Palavras e coerência de ações baseadas na virtude do bem deveriam, de alguma forma, contribuir para mudar o lugar e situação onde se encontravam os atenienses.

Segundo Alves Neto (2009, p. 6), na importância atribuída à reflexão filosófica como condição de vida, Sócrates não convidava os homens para se preocuparem mais consigo mesmos e menos com o mundo. Porém, para que o ato do indivíduo de pensar dentro do mundo, pudesse ser também apresentado como uma retirada do ego pensante para junto de si mesmo. Ou seja, transformar o pensamento do indivíduo em uma dualidade característica do estar consigo mesmo. Pensar e agir com o mundo; mas, sobretudo, pensar sozinho sobre o mundo, para melhor se conduzir no mundo.

A partir de Arendt (apud, Alves Neto, 2009, p. 6), pode-se compreender que esse “dois-em-um” socrático, característico da experiência de pensar consigo mesmo e com os outros, é a indicação mais convincente de que os homens existem essencialmente no plural. O pensamento é uma atividade em que, recuado da premência da vida ativa, faz também companhia ao próprio sujeito ativo. Assim recorre à afirmação de Arendt (apud Alves Neto, 2009, p. 6) para mostrar que somente se é pleno estando com os outros e igualmente consigo: “Eu não sou apenas para os outros, mas também para mim mesmo; e, nesse último caso, claramente eu não sou apenas um. Uma diferença se instala na minha Unicidade.”

Este método de questionamento utilizado por Sócrates mostra a habilidade que a atividade do pensamento tem para evitar o mal na sociedade. Forçando o oponente a uma reflexão mais cuidadosa. Ele interrompia ciclos de reflexões mecânicas que normalmente levavam a aplicar regras universais de condutas a casos particulares. Mostrava, assim, o papel da reflexão filosófica de preparar o homem para a responsabilidade de julgar e compreender a diferença entre o certo e o errado e de se proteger dos malefícios públicos.

4. Constatação disruptiva sobre Sócrates

O que sabemos a respeito de Sócrates provém indiretamente das obras de alguns escritos deixados por Platão, Xenofonte e Aristófanes tendo cada um deles sua concepção sobre o filho da parteira, considerado como o “pai da filosofia”. Entendamos brevemente o pensamento de cada um deles.

Platão (2015, p.278), o discípulo fiel, percebe Sócrates como o fundador da filosofia especulativa, que constrói a imagem dele como a de um inimigo dos sofistas e contra as ideias de alguns outros filósofos. Vale ressaltar que o Sócrates de Platão, em seus escritos, mostra sua maneira de pensar e agir consideradas virtuosas por este filósofo. Nos escritos de Platão podemos conhecer sobre Sócrates nos diálogos apologéticos (referentes à sua acusação e defesa); nos diálogos socráticos (referentes às suas virtudes e valores); nos diálogos intermediários (referentes aos pensamentos de Platão); nos diálogos clássicos (referentes ao estilo de vida e ideias) e nos diálogos da velhice (referentes à sua velhice pelo olhar de alguns filósofos). Esses diálogos têm a função de apresentar temas como virtudes, justiça, amizade, amor, alma, sabedoria entre outros. O olhar de Platão para Sócrates o apresenta como um homem virtuoso, caracterizando ele como um gênio e como “*o mais sábio e o mais justo de todos os homens*” (Fédon, apud Platão, 2015, p. 278)

Para Xenofonte, Sócrates é um homem piedoso, guerreiro, justo e honrado, através do seu modo de agir em praça pública, onde interrogava a todos que ali passassem, discutindo sobre a verdade, a justiça, a sabedoria e demais qualidades humanas. Mostrava que as pessoas eram em geral ignorantes e que não sabiam de nada do que eram questionados. Na seguinte citação, Xenofonte apresenta Sócrates, como um homem que vive de forma sóbria, preservando sua independência em relação a terceiros e sem temer argumentos de quem viesse ter com ele para dialogar. Assim, esclarece: “Sócrates vivia de forma austera, mas com grande autonomia, que tinha total domínio sobre todas as suas paixões e que lhe era possível argumentar, como quisesse, com qualquer tipo de interlocutor.” (Xenofonte, 2009, p. 71)

Aristófanes, o teatrólogo, apresenta-o como um sofista, amoral, enganador e interesseiro que vivia no “mundo das nuvens” para que seus pensamentos não sejam sugados pela terra, e que falava coisas sem sentidos. Nos versos a seguir Aristófanes apresenta Sócrates como um ser ignorante e sem nenhuma perspectiva de ambição. Alguém completamente deseducado. Vejamos

Agora então façam exatamente o que desejam. Este corpo que é meu eu lhes entrego, para apanhar, sofrer fome ou sede, ficar sujo, enregelado ou esfolado, se é verdade que vou escapar das dívidas e, **diante do mundo, parecer atrevido, linguarudo, ousado, resoluto, velhaco, colador de mentiras, paroleiro, superescovado nos tribunais, tábuas de leis, charlatão, raposa, afiado em chicanas, macio na fala, dissimulador, viscoso e fanfarrão, digno de chicote, canalha, retorcido, chato e fila-bóia (grifo nosso)**. Se me chamam assim os que se encontram comigo, façam exatamente o que lhes apraz e, se querem, sim, por Deméter, ofereçam-me aos pensadores, como um prato de tripas. (ARISTÓFANES, 1985, p. 188).

Aristófanés apresenta Sócrates de forma negativa sob as ideias progressistas da dialética. Obviamente, não podemos tomar Aristófanés como um discípulo de Sócrates, mas como representante de parcela dos atenienses que o olhavam com descrédito, reputando-o por louco. Aristófanés representa “a voz” do contingente de pessoas que considerava Sócrates indivíduo fora dos padrões da sociedade. Foi essa forma de pensamento coletivo, manifesta por Aristófanés, que contribuiu para Sócrates ser condenado a tomar cicuta. A ser considerado como desencaminhador da juventude.

Podemos situar do que foi escrito a respeito do filósofo, nas obras de Platão, é que a percepção sobre Sócrates o coloca como um grande filósofo, dotado de conhecimento superior em relação às pessoas consideradas inteligentes em seu tempo e lugar. Sua forma profunda para expressar raciocínios, sua autoridade moral para questionar o interlocutor, seu destemor e sua despreensão virtuosamente humilde; tudo isso, apresentando-se sempre na própria dúvida quanto ao seu saber. Consciência de que o conhecimento se faz no contexto de respostas contínuas e infinitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca das fontes históricas da filosofia com base em Platão, em que encontramos descrições sobre Sócrates, apesar de tão conhecidas e estudadas, certamente há muito ainda o que se demonstrar a respeito de perfil tão singular e controverso. Porém, a unanimidade da caracterização desse homem diz respeito ao fato de ser considerado o mais sábio entre todos os homens de espírito com cultura erudita que viveu em Atenas, na Grécia antiga, aproximadamente 400 anos a.C.

Já no contexto teórico das Altas Habilidades/Superdotação, percebe-se que prepondera a confluência de elementos intelectivos e morais do mais alto nível, sobressaindo claramente a condição de pessoa com o perfil de superdotado. Entenda-se por alto nível moral, a preocupação com os problemas da sociedade, a tal ponto de criar um método para que os homens refletissem sobre os mesmos.

Dentre as características de Sócrates como sujeito de perfil AH/SD, podemos destacar seu pensamento criativo capaz de contestar métodos de raciocínios propagados pelos filósofos naturalistas ou sofistas de seu tempo.

Ressalte-se, do mesmo modo, sua capacidade de introspecção contemplativa, em atitude demonstrada publicamente, para meditar sobre questões que lhes eram propostas. Aqui se trata de nos referirmos ao simples ato de fazer “paradas divagativas” sobre o que lhes inquietava em situações específicas. Esse comportamento de promover distanciamentos contemplativos, assim como não se preocupar com questões materiais imediatas, apresenta-se como algo incomum, a ponto de ser estigmatizado como um “louco”. Essa representação social de pessoa “desenraizada do mundo”, o tornou personagem ridicularizado na peça “As nuvens”, do teatrólogo Aristófanes. Em verdade, um sujeito capaz de viver de maneira frugal desapegado de luxo e riqueza, mas, preocupado e totalmente “enraizado” na resolução de questões humanas, no que se refere aos impedimentos do homem para conceber e praticar a verdadeira virtude sem misticismos conceituais eivados de preconceitos e incoerentes com suas condutas. A proposta filosófica de Sócrates é uma contemplação necessária, menos pragmática nos raciocínios (em forma já construída por sofistas), para que o homem pudesse se tornar mais consciente sobre o que verdadeiramente lhe cercava.

É importante considerar esse afastamento meditativo, a condição fundamental que possibilitaria Sócrates ensinar como exercitar nosso raciocínio na faculdade de aprofundar conceitos, questionando cada definição utilizada, para gerar uma compreensão da virtude moral no cotidiano, no argumento de homens considerados inteligentes.

A discussão metodológica da moral estava acomodada na certeza convicta de conhecimentos e valores sociais rarissimamente questionados em sua essência, não organizada ainda pelos filósofos naturalistas, e apenas disposto como jogo de palavras pelos sofistas.

A fluidez de raciocínio de Sócrates, tão bem descrita por Platão, revela-se como capacidade de formulação linguística e interativa, capaz de entrever a superficialidade dos argumentos utilizados pelos que se apresentavam na retórica de definições formalísticas, não raro envoltos em preconceitos e interesses pessoais que se adequavam como verdade.

A insistência de Sócrates, com seu destemor, voltada para desconstruir inverdades morais no exercício da maiêutica, defendendo a necessidade de reflexão, e a não naturalização do que é dado socialmente, demonstra como os grupos intelectuais de seu tempo viviam e o

que prestigiavam para garantir seu *status*, numa Atenas em que o valor social para os inteligentes era prestar serviços nas guerras, ser instrutor cultural de importantes chefes de estado ou um professor de retórica facilitador do envolvimento de futuros cidadãos no mundo político.

Através do exercício da Maiêutica, Sócrates consegue atingir a atenção e mentalidade de jovens que buscavam compreender o sentido real das virtudes, sobre o que significava adquirir algo mais além do que apenas atender finalidades políticas e dar respostas pragmáticas aos problemas do enfrentamento das dificuldades sociais geradas pelas guerras vividas entre gregos.

Sócrates foi o tipo de intelectual adepto de uma mentalidade utópica, no sentido de que trata Mannheim (1986, p. 216). Para este tipo, o tempo presente representa uma realidade insatisfatória, para a qual se volta seu combate. Nesse sentido, o filósofo considerava necessário combater o que não estava no campo da mais virtuosa moralidade humana em Atenas, posto pelo Estado, pelos governantes ou pelas relações sociais.

Junto com seus discípulos constituiu um grupo social que era a “intelligentisia” fonte de apoio ao surgimento de uma nova vertente de conhecimento, que valorizava o homem pensante, habilitado para refletir sobre a pólis que só exigia ação política de seus cidadãos em conformidade normativa. Formava assim, principalmente com a juventude que lhe secundava, um caminho sem volta para o estabelecimento da filosofia social. Esta, uma vez iniciada, sustentaria por muito tempo o lastro das ciências humanísticas, como a sociologia e antropologia. Estas, somente surgidas mais tarde no século XIX, como questionadoras do senso comum e do papel das instituições sociais em que estão imersos todos os homens.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Vol. I. 5 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1991. P. 97-110.

ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. O Sócrates de Hannah Arendt. *In*: XVII Semana de Humanidades, 2009, Natal. Anais eletrônicos da XVII Semana de Humanidades do CCHLA, UFRN. Disponível em <https://cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT04/4.2.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.

ANTISERI, Dario e REALE, Giovanni. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média, vol. 1**. São Paulo: Paulus, 2017.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓFANES. As nuvens. In: **Sócrates**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Os Pensadores)

BORGES, André de Barros. **O ensinamento Nietzscheano através do gênio para formação de um novo tipo humano**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade de Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004. 98 f. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4797/4797_1.PDF. Acessado em 01 de outubro de 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, vol 1**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 177 – 206.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. São Paulo: Editora UNESAP, 2014.

_____. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1987.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. 4 ed. Rio Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva: Editora da USP, 1974.

_____. **Sociologia do conhecimento I**. Porto: Portugal: Rés-Editora, s/d.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. 13 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. Eutífron ou da religiosidade. In: _____. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. P. 31-61

_____. Apologia de Sócrates. In: _____. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. P. 63-97

_____. Críton ou do dever. In: _____. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. P. 99-101

_____. Fédon ou da alma. In: _____. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. P. 115-191

RENZULLI, J.S. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a produtividade criativa. In: VIRGOLIM, Ângela M. R.; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon (Org.). **Altas habilidades, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar**. Campinas (SP): Papyrus, 2014.

_____. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Revista Educação**, Porto Alegre, Ano XXVII, n. 1, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.revistaeletronica.pucrs.br/teo/ojs/index.php/faced/article/view/375>. Acessado em 01 de outubro de 2020.

XENOFONTE. Memoráveis. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. 2009. Acessado em 27 de outubro de 2020. <http://dx.doi.org/10.14195./978-989-26-0909-6>. Ebook.